ASEAN sob nova direção: segurança e paz, prosperidade e empoderamento

La ASEAN bajo una nueva dirección: seguridad y paz, prosperidad y empoderamiento

ASEAN Under New Leadership: Security and Peace, Prosperity and Empowerment

Lúcia Marques

O perigo é que os americanos queiram explodir a "mãe de todas as bombas" e acabem parindo milhares de homens-bomba[1]

Ao combater uma monstruosidade, temos de ter cuidado para não virarmos monstros.[2]

Resumo: A presidência rotativa da ASEAN em 2026 está com as Filipinas. E, ao que parece, Filipinas estão imprimindo a agilidade que esses tempos de esquentamento geopolítico e de várias guerras exigem. Para a ASEAN, resiliência não é mais uma aspiração, será o escudo principal. E é preciso agilidade. Segurança e paz, prosperidade e empoderamento são os motes da presidência filipina, no ideal e no papel. Para que saia do papel, a união desses 11 países diversos será fundamental. Terão que suplantar as divergências, rivalidades e animosidades entre países membros, como Camboja e Tailândia, que têm problemas/conflitos na fronteira, ou entre países parceiros, como Filipinas e China, que disputam áreas no Mar Meridional da China. Duas reuniões ministeriais já aconteceram e declarações foram emitidas, envolvendo questões preocupantes decorrentes da guerra no Oriente Médio, como energia e segurança alimentar. Também estão preocupados com as "investigações" americanas, subterfúgio para voltar a taxar países, inclusive aliados de peso. Sobre a guerra no Oriente Médio, o conflito já atingiu 14 países na região, mas os mais atingidos são o Irã e o Líbano, além de Gaza, claro. Desde 28 de fevereiro, já são centenas de mortes e milhares de feridos. OMS alerta que já é grande os impactos nos serviços de saúde e nas ajudas humanitárias. Já são milhares de deslocados. Bilhões gastos para matar pessoas, mulheres e crianças e insuflando ressentimentos. São inúteis as tentativas de bom senso contra a loucura.

[1] A frase faz parte de um texto clássico de **Arnaldo Jabor**, escrito logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, intitulado O Ódio ao Ocidente, também conhecido como O Ovo da Serpente. O autor analisa como o ressentimento e a desigualdade global podem alimentar o fundamentalismo, indicando que uma resposta baseada apenas em força bruta (a mãe de todas as bombas) seria contraproducente, pois radicalizaria ainda mais as futuras gerações. Al Qaeda, Estado Islâmico, Talibã são exemplos, assim como Hezbollah e Hamas. O texto integra a coletânea **Amor é Prosa, Sexo é Poesia** (Editora Objetiva). Ou pode ser acessado no Acervo O Globo, na data 18 set. 2001. Opinião, p. 7.

[2] Nietzsche, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal** (*Jenseits von Gut und Böse*), publicada originalmente em **1886**. A citação exata encontra-se no **Aforismo 146.**

Palavras-chave: ASEAN, Filipinas, Guerra no Oriente Médio, Segurança e Paz, Resiliência

Resumen. *La presidencia rotatoria de la ASEAN en 2026 recae en Filipinas. Y, al parecer, Filipinas está aportando la agilidad que exigen estos tiempos de tensión geopolítica y de múltiples conflictos bélicos. Para la ASEAN, la resiliencia ya no es una aspiración, sino que será su principal escudo. Y se necesita agilidad. Seguridad y paz, prosperidad y empoderamiento son los lemas de la presidencia filipina, en teoría y sobre el papel. Para que esto se haga realidad, la unión de estos 11 países tan diversos será fundamental. Tendrán que superar las divergencias, rivalidades y animosidades entre países miembros, como Camboya y Tailandia, que tienen problemas o conflictos fronterizos, o entre países socios, como Filipinas y China, que se disputan zonas en el Mar de China Meridional. Ya se han celebrado dos reuniones ministeriales y se han emitido declaraciones sobre cuestiones preocupantes derivadas de la guerra en Oriente Medio, como la energía y la seguridad alimentaria. También les preocupan las «investigaciones» estadounidenses, un pretexto para volver a imponer aranceles a países, incluso a aliados importantes. En cuanto a la guerra en Oriente Medio, el conflicto ya ha afectado a 14 países de la región, pero los más afectados son Irán y el Líbano, además de Gaza, por supuesto. Desde el 28 de febrero, ya hay cientos de muertos y miles de heridos. La OMS advierte que el impacto en los servicios de salud y la ayuda humanitaria ya es considerable. Ya hay miles de desplazados. Se gastan miles de millones para matar personas, mujeres y niños, y avivar el resentimiento. Son inútiles los intentos de aplicar el sentido común frente a la locura.*

Palabras clave. *ASEAN. Filipinas. Guerra en Oriente Medio. Seguridad y paz. Resiliencia.*

Abstract. *The Philippines will hold the rotating chairmanship of ASEAN in 2026. And it appears that the Philippines is demonstrating the agility required in these times of geopolitical tension and multiple conflicts. For ASEAN, resilience is no longer just an aspiration; it will be the primary shield. And agility is essential. Security and peace, prosperity, and empowerment are the guiding principles of the Philippine presidency, in theory and on paper. For these principles to move beyond the paper, the unity of these 11 diverse countries will be fundamental. They will have to overcome the differences, rivalries, and animosities between member countries, such as Cambodia and Thailand, which have border issues or conflicts, or between partner countries, such as the Philippines and China, which are disputing areas in the South China Sea. Two ministerial meetings have already taken place, and statements have been issued addressing concerning issues arising from the war in the Middle East, such as energy and food security. They are also concerned about U.S. "investigations," a pretext for reimposing tariffs on countries, including key allies. Regarding the war in the Middle East, the conflict has already affected 14 countries in the region, but the hardest-hit are Iran and Lebanon, in addition to Gaza, of course. Since February 28, there have already been hundreds of deaths and thousands of injuries. The WHO warns that the impacts on health services and humanitarian aid are already significant. There are already thousands of displaced people. Billions are being spent to kill people—women and children—and fuel resentment. Attempts to use common sense against madness are futile.*

Keywords. *ASEA., Philippines. War in the Middle East. Security and Peace. Resilience*

A presidência rotativa da ASEAN em 2026 está com as Filipinas. O que significa neste momento de esquentamento geopolítico e de várias guerras? Ao que parece, Filipinas estão imprimindo a agilidade que esses tempos exigem. "Para a ASEAN, resiliência não é mais uma

aspiração. É nosso escudo principal. Embora continuemos sendo os campeões globais do mercado aberto, o cenário atual exige que a abertura seja respaldada por coordenação e visão."[3]

As Filipinas assumem a Presidência da ASEAN em um momento decisivo para a região. Lar de quase 700 milhões de pessoas e a quinta maior economia do mundo, a ASEAN está na encruzilhada entre oportunidades sem precedentes e desafios globais em evolução.

Com o tema "Navegando Nosso Futuro, Juntos", a presidência filipina propõe como bússolas em 2026 a unidade, a clareza e o propósito, com foco em uma resiliência maior, uma conexão mais profunda e mudanças significativas para:

- Defender a paz e a estabilidade regional por meio do diálogo, adesão ao direito internacional e cooperação fortalecida contra ameaças emergentes e não tradicionais à segurança.
- Corredor da Prosperidade: Construindo conexões sistêmicas rumo à prosperidade compartilhada por meio da integração econômica, transformação digital e desenvolvimento inclusivo e sustentável que beneficie todos os povos da ASEAN.
- Empoderamento Humano: Empoderando as pessoas da ASEAN promovendo a inclusão social, protegendo grupos vulneráveis e promovendo um senso de identidade e comunidade compartilhadas.



Logo da presidência filipina da ASEAN 2026. Fonte: https://asean.org/wp-content/uploads/2026/01/Branding-guideline-philippines-2026.pdf

Esses são os motes da presidência filipina. No ideal e no papel. Para que saia do papel, a união desses 11 países diversos será fundamental. Terão que suplantar as divergências, rivalidades e animosidades entre países membros, como Camboja e Tailândia, que têm problemas com questões de fronteira, ou entre países parceiros, como Filipinas e China, que disputam áreas no Mar Meridional da China.

Neste início de presidência, algumas reuniões importantes já aconteceram e declarações foram emitidas. O bloco está acompanhando de perto os desenvolvimentos no Golfo, que abriga mais de um milhão de trabalhadores do Sudeste Asiático. A guerra trará repercussões energéticas e para a segurança alimentar para os países aseanos e seus parceiros.

Durante 32ª Reunião dos Ministros Econômicos da ASEAN, realizada em 13 de março, os ministros da economia discutiram sobre o Fortalecimento da Resiliência Econômica da ASEAN em Resposta aos Recentes Desenvolvimentos Econômicos e Geopolíticos Globais. Todos os Ministros e autoridades de alto nível concordaram em intensificar a coordenação para garantir a segurança alimentar e o fornecimento de energia na região, em meio à crescente incerteza sobre o conflito em andamento no Oriente Médio, que vem causando grandes interrupções nas cadeias globais de suprimentos e grandes aumentos nos preços do petróleo em toda a região.[4]

[3] Em discurso, na abertura da 32ª reunião de Ministros da Economia da ASEAN, a Secretária do Departamento de Comércio e Indústria (DTI), Cristina A. Roque. ASEAN 2026 Post

[4] A ASEAN atua para proteger a energia do Sudeste Asiático e a segurança alimentar da crise no Oriente Médio | Agência de Notícias das Filipinas

Na declaração conjunta, os ministros manifestaram preocupação com as prolongadas incertezas do comércio global, inclusive por meio do aumento do unilateralismo. Sobre a as tensões contínuas no Oriente Médio, os ministros destacaram que o conflito crescente gerou repercussões econômicas mais amplas, para além da região, especialmente por meio da maior volatilidade nos mercados globais de energia e da interrupção das principais rotas marítimas e da cadeia de suprimentos, trazendo incerteza e desafios significativos para a economia, os negócios e a dinâmica comercial global. Essas interrupções estão levando a custos mais altos de frete, seguros e logística, além de contribuir para pressões inflacionárias sobre energia, alimentos e outros bens essenciais e impactará a segurança e a estabilidade econômicas, os meios de subsistência de milhões de pessoas na região asiática e dificultará o progresso econômico na ASEAN.

Além disso, os ministros declararam que "Monitoraremos as investigações recentemente lançadas sob a Seção 301 pelos Estados Unidos, que afetam a maioria dos Estados-Membros da ASEAN, e nos engajaremos proativamente para garantir que a investigação esteja em conformidade com as regras de comércio internacional." Essas investigações, que visam apurar práticas comerciais estrangeiras que prejudicaram a economia e os trabalhadores americanos, são um "desvio", uma resposta direta à decisão da Suprema Corte americana, de 20 de fevereiro de 2026, que invalidou as tarifas anteriores. Agora, o governo trumpista utiliza a Seção 301 para restabelecer a pressão comercial de forma "legal". Chamando de prática comercial de desleal, 60 economias, incluindo Brasil, serão investigadas por Trabalho Forçado[5], e outras 16, por excesso de capacidade de produção.[6] Alguns países aparecem nas duas listas, como China, Índia, Japão, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Catar. Entre eles, aliados de longa data da América.

Também em 13 de março, uma reunião especial de Ministros das Relações Exteriores da ASEAN aconteceu por videoconferência, para trocar opiniões sobre a situação em evolução no Oriente Médio e abordar suas implicações para a ASEAN.

A Reunião ressaltou a importância de manter a paz, estabilidade e prosperidade regionais, defender o direito internacional e promover o diálogo e a diplomacia como meios principais de enfrentar conflitos e tensões. A Secretária de Relações Exteriores filipina, Theresa Lazaro, presidente da reunião, clamou a todos que "exerçam a máxima autocontenção e resolvam as diferenças por meio da diplomacia e do diálogo."[7]

Na declaração final, os ministros expressaram séria preocupação com a escalada do conflito no Oriente Médio após os ataques iniciados por Israel e pelos EUA contra o Irã, em 28

[5] Argélia, Angola, Argentina, Austrália, Bahamas, Bahrein, Bangladesh, **Brasil** , Camboja, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Equador, União Europeia, Filipinas, Guatemala, Guiana, Honduras, Hong Kong, Índia, Indonésia, Iraque, Israel, Japão, Jordânia, Cazaquistão, Kuwait, Líbia, Malásia, México, Marrocos, Nova Zelândia, Nicarágua, Nigéria, Noruega, Omã, Paquistão, Peru, Catar, Reino Unido, Rússia, Arábia Saudita, Singapura, África do Sul, Sri Lanka, Suíça, Taiwan, Tailândia, Trinidad e Tobago, Turquia, Uruguai, Venezuela e Vietnã. https://ustr.gov/about/policy-offices/press-office/press-releases/2026/march/ustr-initiates-60-section-301-investigations-relating-failures-take-action-forced-labor

[6] China, União Europeia, Singapura, Suíça, Noruega, Indonésia, Malásia, Camboja, Tailândia, Coreia do Sul, Vietnã, Taiwan, Bangladesh, México, Japão e Índia. https://ustr.gov/about/policy-offices/press-office/press-releases/2026/march/ustr-initiates-section-301-investigations-relating-structural-excess-capacity-and-production

[7] ASEAN renova o apelo pela cessação das hostilidades no Oriente Médio | Agência de Notícias das Filipinas

de fevereiro, o ataque israelense ao Líbano e os subsequentes ataques retaliatórios do Irã contra vários países da região, incluindo Bahrein, Jordânia, Iraque, Kuwait, Omã, o Qatar, Arábia Saudita, Síria e Emirados Árabes, "que continuam a aumentar as tensões no Oriente Médio e representam uma grave ameaça à vida e segurança dos civis, bem como à paz e estabilidade regionais e globais."[8] A Reunião ressaltou a importância de manter a paz, estabilidade e prosperidade regionais, defender o direito internacional, incluindo a Carta da ONU, e promover o diálogo e a diplomacia como meios principais de enfrentar conflitos e tensões.

Sobre os efeitos da guerra sobre as economias aseanas, os ministros enfatizaram a necessidade de manter "cadeias globais de suprimentos de energia estáveis, abertas e confiáveis e rotas comerciais marítimas, além de minimizar a interrupção no fluxo de energia e bens essenciais, incluindo alimentos." As Filipinas pediram aos Estados da ASEAN que agissem rapidamente na identificação e implementação de medidas de mitigação de curto prazo, incluindo o compartilhamento de melhores práticas, respostas políticas coordenadas para amortecer choques econômicos e medidas concretas para proteger tanto os nacionais da ASEAN no exterior quanto as cadeias regionais de suprimentos de energia.

Além disso, a Reunião pediu o uso pleno dos mecanismos e estruturas existentes da ASEAN para aprimorar a consulta, o compartilhamento de informações e a cooperação entre os Estados-Membros da ASEAN, enfatizando que a ASEAN já possui mecanismos e iniciativas práticas que podem ser ainda mais mobilizados e fortalecidos para fortalecer a resiliência regional, incluindo o Acordo-Quadro da ASEAN sobre Segurança do Petróleo (APSA), o Memorando de Entendimento Aprimorado da Rede Elétrica da ASEAN (APG), e o Gasoduto Trans-ASEAN (TAGP), além de cooperação com órgãos setoriais relevantes e partes interessadas do setor.[9]

A ASEAN

Com uma população em expansão de aproximadamente 683 milhões de habitantes, um PIB de cerca de US$ 3,8 trilhões e taxas de crescimento de cerca de 5,7% nas duas últimas décadas,[10] a ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático,[11] formada por Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia e Timor Leste – representa um mercado significativo. São países inovadores que estão em processo acelerado de desenvolvimento tecnológico e isso coloca o bloco como uma economia de relevância crescente no cenário global e um como um gigante asiático capaz de equilibrar as forças que buscam fragmentar o mundo em blocos antagônicos.

Fundada em 1967, a ASEAN reúne países com economias diferentes, que perseguiam seus próprios objetivos limitados, dissipando os recursos escassos e enfrentando dependência das nações industriais avançadas. Desde então, através da ASEAN, mobilizam potencial e trabalham em conjunto para ser o epicentro econômico, político e sociocultural, promovendo a paz e estabilidade na região do Sudeste Asiático. E se inserem como um ator global capaz de

[8] ASEAN 2026 Post
[9] ASEAN 2026 Post
[10] **ASEANstats:** Publicação oficial da Secretaria da ASEAN com dados-chave da região. E **Trading Economics:** Plataforma que fornece dados econômicos e estatísticos de diversos países, incluindo a ASEAN. – referência
[11] ASEAN e link – referência

enfrentar desafios globais e garantir neutralidade,[12] com soluções localizadas, enraizadas em normas e mecanismos compartilhados, oferecendo abordagens inovadoras por meio da diplomacia, inclusão e colaboração regional.[13] E nos últimos anos, a ASEAN tem sido um bloco coeso e resistente à competição e disputa geopolítica, principalmente resistindo às pressões americanas contra a China, que segundo a Estratégia de Segurança Nacional do Governo Joe Biden, de outubro de 2022, era "o único concorrente com intensão quanto com, cada vez mais, capacidade de remodelar a ordem internacional"[14]

Colaboração e parcerias são a força motriz do bloco. A ASEAN estabeleceu mecanismos e iniciativas para cooperação regional, sub regional e inter-regional, através dos parceiros de diálogo setorial[15]; dos tratados de amizade e cooperação[16]; das cúpulas bilaterais com países não aseanos; com grupos de países, como Leste Asiático, Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), Fórum Indo-Pacífico; e das cúpulas trilaterais, sendo a mais antiga e mais importante a ASEAN Plus Three – APT)[17] formada por ASEAN, China, Japão e Coreia do Sul, e a mais nova, refletindo a realidade multipolar atual, a cúpula ASEAN-CCG e China. Além disso, a ASEAN é membro da Iniciativa Econômica Abrangente (RCEP).[18]

Um dos exemplos da força do bloco foi endurecer e repelir a vertente militar da estratégia americana, do presidente à época, Joe Biden, para a região, evitando o aumento da militarização e cobrando, e conseguindo dos EUA, uma vertente estratégica econômica, com foco em transição energética e transferência de tecnologia. Essa estratégia pode não ter avançado como o esperado, diante do cenário de competição e nacionalismos extremos que o mundo vive, mas o bloco conseguiu, por enquanto, conter a formação de uma espécie de OTAN regional, que era o que os EUA pretendiam.[19]

Durante a 1ª Cúpula ASEAN – Conselho de Cooperação do Golfo – China, em maio de 2025, em seu discurso de abertura[20], o presidente da Malásia, Anwar Ibrahim, destacou que a nova cúpula reflete a realidade multipolar atual, destacando que o novo espaço de diálogo "simboliza o poder da coesão dos blocos regionais, o que, sem dúvida, terá um impacto positivo no mundo todo". Na declaração final, o bloco sublinha a importância de um sistema multilateral

[12] Marques, L. (2023). O grande Mercado chamado ASEAN: cresce a importância do Sudeste asiático. In: Cadernos CRIS Fiocruz Informe 16-23. P. 225-235.

[13] https://www.researchgate.net/publication/394997630_Policy_Power_and_Peace_Analyzing_the_Intersection_of_Defense_Strategies_and_International_Relations

[14] Competição Estratégica EUA-China no Sul e Mares da China Oriental: Antecedentes e Questões para o Congresso, disponível em https://bidenwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf, atualizada em 2024, disponível em https://sgp.fas.org/crs/row/R42784.pdf

[15] São parceiros de diálogo: Austrália, Brasil (desde 2022), Canadá, China, Coreia do Sul, EUA, Índia, Japão, Nova Zelândia, Reino Unido, Rússia e União Europeia.

[16] Com países do Oriente Médio, Europa e América Latina.

[17] ASEAN Plus Three (APT) – referência

[18] RCEP – tratado de integração econômica entre os países da Ásia e Pacífico, que entrou em vigor em janeiro de 2022. Os países RCEP são: Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Singapura, Tailândia, Vietnã, Austrália, China, Japão, Nova Zelândia e Coreia do Sul. maior acordo econômico do Indo-Pacífico, proposto pela China, do qual EUA não participa https://observatorio.repri.org/glossary/rcep-parceria-regional-economica-abrangente/

[19] A história mostra que coalizões militares criadas para defender uma região sem participação regional permanecem fracas ou desaparecem, como escreve Amitav Acharya, disponível em https://eastasiaforum.org/2021/12/29/asean-and-the-new-geopolitics-of-the-indo-pacific/

[20] https://www.brasildefato.com.br/2025/05/26/china-reforca-lacos-com-sudeste-asiatico-e-golfo-persico-como-resposta-a-pressao-de-trump

de comércio baseado em regras, com a Organização Mundial do Comércio (OMC) no seu cerne, para promover a prosperidade e a estabilidade global.[21]

Como afirmou, Amitav Acharya[22], as organizações regionais, como a ASEAN, desempenham um papel fundamental na promoção da estabilidade e na prevenção de conflitos, oferecendo abordagens inovadoras por meio da diplomacia, inclusão e colaboração regional, com reflexos extrarregionais.

A convergência multipolar do bloco não é etérea. Se materializa quando Estados aseanos aderem ao BRICS como membros plenos (Indonésia) ou como membros parceiros (Tailândia, Malásia, Vietnã e Singapura), representando mudanças na ordem internacional, com o Sul Global ganhando protagonismo no cenário mundial, podendo definir agendas nos debates internacionais e regras do jogo econômico internacional, livre de imposições unilaterais estadunidocêntricas.

Saúde na zona de guerra

A escalada dos ataques se expandiu para novas frentes ameaçando civis e infraestrutura energética do Golfo. Como informa a OMS regional EMRO, a atual escalada do conflito está afetando 21 países ao redor do mundo, incluindo 14 países da Região do Mediterrâneo Oriental, levantando preocupações humanitárias e de saúde pública significativas. Os impactos mais graves na saúde foram relatados no Irã e no Líbano, onde centenas de mortes e milhares de feridos exerceram uma enorme pressão sobre hospitais e serviços de atendimento ao trauma.[23]

Além do impacto imediato, o conflito está criando riscos mais amplos à saúde pública. Estimativas atuais indicam que mais de 100.000 pessoas no Irã se mudaram para outras áreas do país devido à insegurança, e até 700.000 pessoas foram deslocadas internamente no Líbano, muitas em abrigos coletivos lotados sob condições de saúde pública deterioradas, com acesso limitado a água potável, saneamento e higiene. Essas condições aumentam o risco de infecções respiratórias, doenças diarreicas e outras doenças transmissíveis, especialmente para as populações mais vulneráveis, como mulheres e crianças.[24]

O acesso aos serviços de saúde está se tornando cada vez mais restrito em vários países. No Líbano, 49 centros de atenção primária à saúde e cinco hospitais fecharam após ordens de evacuação emitidas pelo exército israelense, reduzindo a disponibilidade de serviços essenciais à medida que as necessidades médicas aumentam. Em entrevista, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, disse que o conflito está provocando deslocamentos em larga escala, com cerca de 100 mil pessoas tendo deixado o Irã e mais de 60 mil deslocadas no Líbano. Estima-se que novas ordens de evacuação podem colocar até 1 milhão de pessoas em movimento. O Acnur lembra que os países afetados já abrigam quase 25 milhões de pessoas deslocadas à força e

[21] https://asean.org/wp-content/uploads/2025/05/Final-Joint-Statement-of-the-ASEAN-GCC-China-Summit-27-May-2025.pdf

[22] Acharya, Amitav. (2018). Constructing Global Order: Agency and Change in World Politics. 10.1017/9781316756768. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324083557_Constructing_Global_Order_Agency_and_Change_in_World_Politics/citation/download

[23] OMS EMRO – conflito no Oriente Médio

[24] https://www.emro.who.int/media/news/conflict-deepens-health-crisis-across-middle-east-who-says.html

muitas enfrentam riscos significativos de proteção e necessidades humanitárias, assim como as comunidades anfitriãs.[25]

No território palestino ocupado, o aumento das restrições de circulação e o fechamento de postos de controle estão atrasando o acesso de ambulâncias e clínicas móveis em vários governatoratos da Cisjordânia. Em Gaza, as evacuações médicas permanecem suspensas desde 28 de fevereiro, enquanto os hospitais continuam operando sob pressão devido à contínua escassez de medicamentos, suprimentos médicos e combustível, que está sendo racionado para priorizar serviços essenciais de saúde como atendimento de emergência e trauma, serviços maternos e neonatais, e manejo de doenças transmissíveis.

Riscos ambientais também são uma preocupação crescente. No Irã, incêndios de petróleo e fumaça proveniente de infraestrutura danificada expuseram comunidades próximas a poluentes tóxicos que podem causar problemas respiratórios, irritação nos olhos e na pele, além de contaminação de fontes de água e alimento. A Agência Internacional de Energia Atômica, IAEA, pede cautela para evitar incidente radiológico no Irã. O chefe da OMS também alertou que qualquer dano a instalações nucleares pode ter sérias consequências para a saúde pública

Em toda a região, as operações de emergência de saúde enfrentam restrições operacionais, incluindo interrupções no espaço aéreo e nas rotas marítimas que impactam o movimento de suprimentos humanitários e equipamentos médicos. A OMS ativou seu Sistema de Suporte à Gestão de Incidentes em três níveis e está trabalhando com ministérios da saúde e parceiros para apoiar a resposta a emergências, fortalecer o gerenciamento de vítimas em massa, manter a vigilância de doenças e garantir a continuidade dos serviços essenciais de saúde.

Considerações finais

Ao analisarmos as recentes investigações comerciais dos EUA sob a Seção 301, estas não podem ser lidas apenas como manobras tarifárias, mas como vetores de pressão em um tabuleiro onde a Ásia e o Oriente Médio ocupam posições centrais. Torna-se evidente que a pressão econômica pode atuar como uma preocupação de instabilidades regionais profundas. Resgatando as críticas de Arnaldo Jabor (2001) em sua análise sobre o “Ódio ao Ocidente”, respostas baseadas exclusivamente na força — seja ela bélica ou, neste caso, coercitiva comercial — correm o risco de ser “um remédio que alimenta a doença” ou de parir um ciclo de instabilidades sistêmicas.

No contexto da Saúde Global, não só a guerra no Oriente Médio, mas também essa 'mãe de todas as bombas' financeira e diplomática pode acabar “parindo” novas vulnerabilidades, comprometendo a segurança alimentar e energética e a ruptura das cadeias de suprimentos e do encarecimento de insumos básicos, que desestruturariam as redes de vigilância epidemiológica, uma vez que a cooperação técnica e a diplomacia da saúde costumam ser as primeiras vítimas de um cenário de fragmentação geopolítica e ressentimento institucional.

Em suma, a imposição de barreiras que encarecem o acesso aos insumos básicos e combustíveis desestrutura o cotidiano das populações e amplia o abismo social que, como pontuado por Jabor, serve de adubo para o radicalismo. Resgatando Nietzsche e sua frase sobre ética, *ao combater uma monstruosidade, temos de ter cuidado para não virarmos monstros*, chamamos a atenção para perigo de respostas desproporcionais na política internacional.

[25] Guerra no Oriente Médio já afeta 16 países e aprofunda crise de deslocamento | ONU News

Portanto, o fortalecimento das cooperações Sul-Sul e intrarregionais apresenta-se não apenas como uma escolha estratégica, mas como uma forma de resistência diplomática. ASEAN e BRICS podem ser bons exemplos desse caminho.